

Albertina Mitjás Martínez
Maurício Neubern
Valéria D. Mori
organizadores

Subjetividade Contemporânea

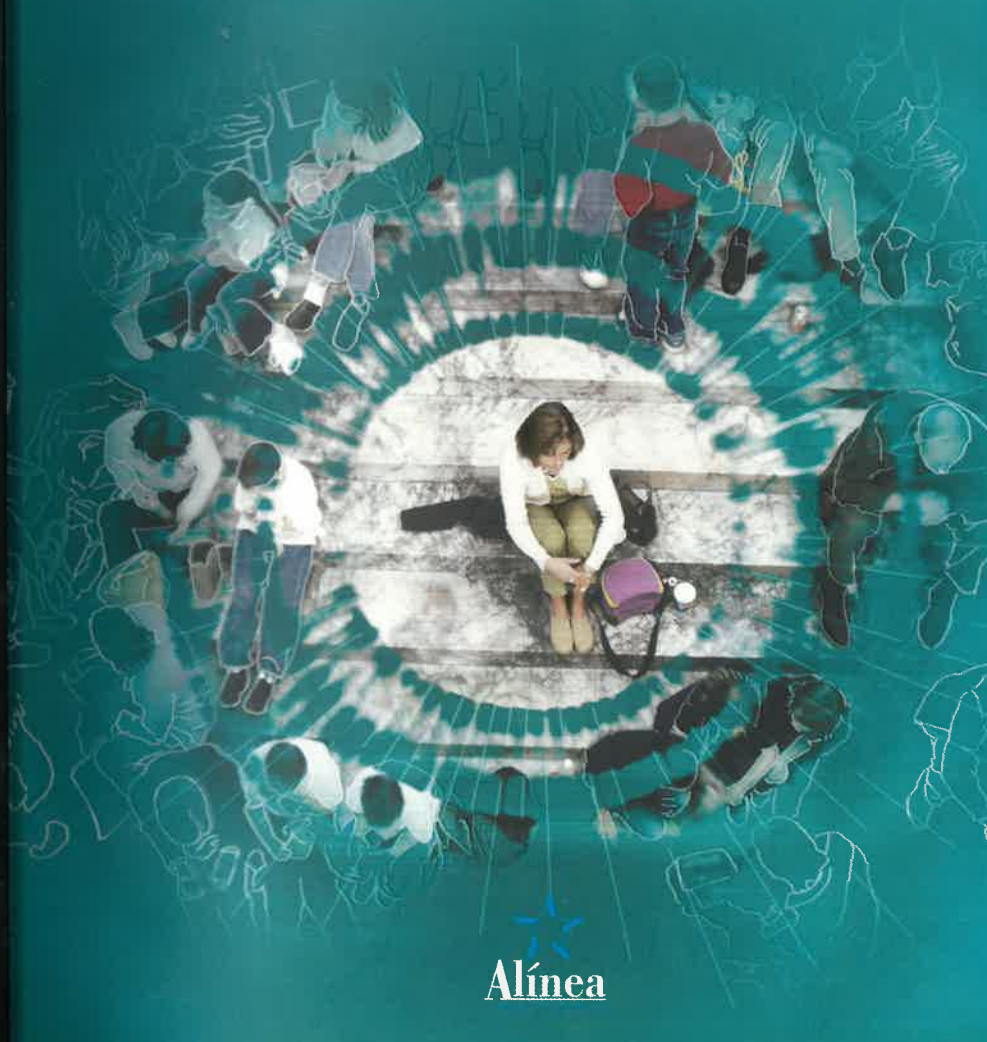
discussões epistemológicas e metodológicas

Subjetividade Contemporânea

Editora Alínea




Alínea



Subjetividade Contemporânea
discussões epistemológicas e metodológicas

organizadores

Albertina Mitjás Martínez

Maurício Neubern

Valéria D. Mori





DIRETOR GERAL
Wilson Mazalla Jr.

COORDENAÇÃO EDITORIAL
Marídia R. Lima

COORDENAÇÃO DE REVISÃO E COPYDESK
Catarina C. Costa

REVISÃO DE TEXTOS
Bruna Oliveira Gonçalves

EDITORAÇÃO ELETRÔNICA
Fabio Diego da Silva
Tatiane de Lima

CAPA
Paloma Leslie

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Subjetividade contemporânea : discussões
epistemológicas e metodológicas /
organizadoras Albertina Mitjans Martinez,
Maurício Neubern, Valéria D. Mori. --
Campinas, SP : Editora Alínea, 2014.

Vários autores.
Bibliografia.

1. Epistemologia 2. Metodologia 3. Pesquisa
qualitativa 4. Psicologia - Aspectos sociais
5. Psicologia - Pesquisa 6. Psicologia social
7. Subjetividade I. Martinez, Albertina Mitjans.
II. Neubern, Maurício. III. Mori, Valéria D.

14-03625

CDD-150.1

Índices para catálogo sistemático:

1. Subjetividade contemporânea : Psicologia :
Aspectos sociais 150.1

ISBN 978-85-7516-703-8

Todos os direitos reservados ao

Grupo Átomo e Alínea

Rua Tiradentes, 1053 - Guanabara - Campinas-SP
CEP 13023-191 - PABX: (19) 3232.9340 e 3232.0047

www.atomoealinea.com.br

Impresso no Brasil

Sumário

Apresentação..... 5

Capítulo 1

Ideias e Modelos Teóricos na Pesquisa Construtivo-Interpretativa 13

Fernando Luís González Rey

Capítulo 2

A Construção do Cenário Social da Pesquisa no
Contexto da Epistemologia Qualitativa 35

*Maristela Rossato, Luiz Roberto Rodrigues Martins
e Albertina Mitjáns Martínez*

Capítulo 3

Um dos Desafios da Epistemologia Qualitativa:
a criatividade do pesquisador..... 61

Albertina Mitjáns Martínez

Capítulo 4

Pesquisa em Educação:
desafios para a Epistemologia Qualitativa de González Rey..... 87

Cristina M. Madeira-Coelho

Capítulo 5

A Epistemologia Qualitativa na Pesquisa em Saúde:
suas implicações e desafios..... 111

Valéria D. Mori

Capítulo 6

Metodologia Qualitativa e Criatividade no
Estudo da Subjetividade na Família..... 127

Vannúzia Leal Andrade Peres

Capítulo 7

O Lugar da Subjetividade no Processo de
Avaliação Diagnóstica do Indivíduo com Deficiência Intelectual:
desafios metodológicos e epistemológicos 145

Alexandra Ayach Anache e Heriel Luz

Capítulo 8

Perigosos ou Vítimas:
duas maneiras de anular a condição de sujeito na intervenção 167

Omar Bravo

Capítulo 9

Subjetividade e Espiritualidade
em Sociedades de Universos Múltiplos:
problemas de pesquisa clínica e qualitativa 187

Maurício da Silva Neubern

Capítulo 10

Epistemologia e Método das Pesquisas em Psicologia:
uma questão política 213

*Wanda Maria Junqueira de Aguiar, Ana Mercês Bahia Bock e
Maria da Graça Marchina Gonçalves*

Sobre os Autores 239

Apresentação

O livro que introduzimos ao leitor constitui-se como uma relevante apresentação da produção científica do Grupo de Trabalho (GT) *Subjetividade, Ensino e Aprendizagem* da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-graduação em Psicologia (ANPEPP) que resulta de estudos e pesquisas sobre a subjetividade humana em uma perspectiva histórico cultural.

O GT foi criado oficialmente no de 2010 reunindo pesquisadores interessados em compartilhar experiências de pesquisas sobre a dimensão subjetiva dos processos de ensino e aprendizagem em um amplo espectro de possibilidades. O foco na Teoria da Subjetividade de Fernando González Rey¹, como referencial teórico principal contribuiu, no ano de 2012, para a inclusão de novos pesquisadores que estudam processos de aprendizagem, mudança e desenvolvimento humano em outros contextos distintos do escolar que, malgrado sua importância central, não pode ser concebido como espaço exclusivo de aprendizagem, posto que aprendizagem e subjetividade estão presentes em diferentes espaços sociais de inserção do sujeito. Esta concepção ampla dos processos de aprendizagem, envolvendo os sujeitos e suas produções de sentido na dialógica com a cultura, em correspondência com o referencial teórico que dá unidade ao Grupo, contribuiu para a superação da fragmentação tradicional da Psicologia em áreas que pouco dialogam entre si (como Psicologia Educacional e Escolar, Psicologia da Saúde e Psicologia Clínica) o que

1. Ver entre outros, *Epistemologia qualitativa y subjetividad* (São Paulo: EDUC, 1997); *Sujeito e subjetividade: uma perspectiva histórico-cultural* (São Paulo: Thomson, 2002); *O social na psicologia e a psicologia social: a emergência do sujeito* (Petrópolis: Vozes, 2004).

tem fortalecido a produção do GT, de maneira a gerar debates e produções conjuntas de considerável relevância entre pesquisadores e estudantes de diferentes instituições do país. O GT atualmente está integrado por 18 professores doutores atuantes em (10) dez diferentes instituições de ensino superior localizadas em 5 (cinco) estados e no Distrito Federal.

A partir dos trabalhos realizados desde sua criação, o GT considerou chegado o momento de colocar em foco as experiências e os debates acerca dos desafios metodológicos e epistemológicos da pesquisa da subjetividade. Apesar de a discussão epistemológica ter sido um tema pouco tratado na Psicologia como ciência particular, assim como uma concepção complexa da subjetividade, considera-se que seus desdobramentos metodológicos e teóricos possuem uma importância vital, tanto para a o delineamento das pesquisas psicológicas em seus variados temas de interesse, quanto para as diferentes formas de enfrentar os desafios presentes no campo profissional. Esta questão ficará evidente na leitura da obra.

No estudo da subjetividade humana, na complexidade constitutiva em que é concebida na Teoria da Subjetividade, principal referencial teórico do GT, a discussão epistemológica e metodológica assume uma importância particular: tal concepção de subjetividade demanda uma nova forma de compreender o processo de produção de conhecimento que conseqüentemente se desdobra em um modo diferenciado de metodologia de pesquisa qualitativa e de estratégias de trabalho profissional.

Assim, o livro que apresentamos ao leitor está focado especificamente na discussão dos problemas e os desafios epistemológicos e metodológicos que a complexidade da subjetividade coloca para aqueles que trabalham com o tema, não apenas como objeto de pesquisa em diferentes campos, mas também em processos de avaliação e de intervenção psicossocial. A obra, desenvolvida com amplitude e diversidade consideráveis, privilegia a discussão da Epistemologia Qualitativa elaborada por González Rey² e seus desdobramentos metodológicos, tendo como eixos a sua novidade como forma diferenciada de produção de conhecimento acerca da subjetividade e sua pertinência para o estudo desta, concebida como processo complexo de organização do psicológico nos níveis indi-

2. Ver entre outros, *Epistemologia qualitativa y subjetividad* (São Paulo: EDUC, 1997); *Pesquisa qualitativa e subjetividade: caminhos e desafios* (São Paulo: Thomson/Pioneira, 2002); *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação* (São Paulo: Thomson, 2005).

vidual e social. Vale destacar que tal proposta tem crescido em interesse e aplicação para diferentes pesquisadores e profissionais do país, principalmente nos campos da Psicologia, da Educação, da Saúde e da Clínica.

Todos os capítulos apresentam como base a experiência científica e profissional de seus autores. Em alguns deles, os estudos de caso, os relatos de pesquisa ou de metodologias concretas de trabalho contribuem para fundamentar e clarificar as ideias ali apresentadas, enquanto que, em outros, as reflexões elaboradas e as propostas efetivadas, oriundas do desenvolvimento de linhas de pesquisa já consolidadas pelos pesquisadores, trazem interessantes desdobramentos para a pesquisa, para a formação de pesquisadores e para diferentes formas de trabalho profissional. Ao longo da obra, evidencia-se que as discussões epistemológicas e metodológicas se articulam necessariamente com questões teóricas acerca da compreensão da subjetividade e inclusive com a dimensão política que sua investigação permite analisar.

O livro inicia-se com um capítulo original, de caráter teórico intitulado *Ideias e modelos teóricos na pesquisa construtivo-interpretativa* no qual Fernando González Rey, a partir de sua longa trajetória de pesquisa e de produção teórica, fundamenta a produção de ideias e de modelos teóricos como aspectos centrais de uma forma diferente de fazer ciência na pesquisa qualitativa. Neste capítulo o autor propõe uma análise histórica e crítica sobre como na Psicologia se desenvolveu uma representação dominante de ciência na qual a legitimação do conhecimento e de seu processo de produção está centrada nos dados, tendência que continua hegemônica e que se expressa atualmente em muitas formas de utilização de metodologias qualitativas sem nenhuma consciência epistemológica quanto a semelhante contradição. O autor ainda explicita as principais bases da Epistemologia Qualitativa, conferindo especial foco à forma construtivo-interpretativa de produção de conhecimento sobre a subjetividade, um dos pilares centrais de sua proposta.

No capítulo *A construção do cenário social da pesquisa no contexto da Epistemologia Qualitativa* os autores, Maristela Rossato, Luiz Roberto Rodrigues Martins e Albertina Miñjans Martínez centram sua atenção em um dos aspectos em que se concretiza o caráter dialógico da Epistemologia Qualitativa: a construção do cenário social da pesquisa. Diferentemente do ambiente físico, o cenário social da pesquisa é um espaço relacional dialógico do pesquisador com os participantes da pesquisa que possibilita a motivação e implicação destes no processo,

favorecendo as múltiplas formas de expressão da subjetividade. A partir de duas pesquisas realizadas em escolas públicas, os autores fundamentam e exemplificam como acontece o processo de construção e manutenção do cenário da pesquisa, destacando seu valor para a qualidade da informação produzida pelos participantes nos diferentes instrumentos utilizados e conseqüentemente para o processo construtivo interpretativo desenvolvido pelos pesquisadores.

O capítulo *Um dos desafios da Epistemologia Qualitativa: a criatividade do pesquisador* de Albertina Mitjans Martínez discute a importância da criatividade do pesquisador para a utilização coerente da Epistemologia Qualitativa nas pesquisas que possuem como foco a subjetividade. Tendo em conta o crescente interesse no país pela Teoria da Subjetividade como referencial teórico e conseqüentemente, com a utilização da Epistemologia Qualitativa para seu estudo, a autora apresenta, a partir de exemplos concretos, tanto sua utilização bem sucedida, quanto algumas das distorções mais frequentes, apontando as características que devem ser desenvolvidas pelos pesquisadores que pretendem trabalhar adequadamente nesta proposta, altamente perpassada pela novidade e complexidade. Precisamente ao destacar a criatividade do pesquisador, a autora exemplifica e enfatiza sua importância, dentre outros aspectos, no processo construtivo-interpretativo que demanda a pesquisa da subjetividade, aspecto especialmente destacado no primeiro capítulo desta obra. Há ainda neste capítulo, a partir das diferentes experiências apresentadas, interessantes considerações sobre a formação de pesquisadores para o trabalho com a Epistemologia Qualitativa e com a metodologia qualitativa que dela é derivada.

O capítulo *Pesquisa em educação: desafios para a Epistemologia Qualitativa de González Rey* de Cristina Madeira Coelho procura sistematizar desafios decorrentes da análise de questões que de forma recorrente aparecem na literatura sobre pesquisa em educação, mas também de questões referenciadas por professores e futuros professores nos seus processos de desenvolvimento acadêmico. Com importantes pontos de contato com o capítulo anterior, a análise refere-se especificamente à pesquisa em Educação com foco nos desafios decorrentes da relação entre o princípio interpretativo-construtivo, que especifica a abordagem metodológica da Epistemologia Qualitativa, e a tradição reprodutora da educação que, embora muito criticada, mantém-se inalterada ao longo das gerações. As reflexões de uma pesquisadora iniciante em seu traba-

lho final de curso de especialização, consideradas como uma autorreflexão crítica sobre aprender a fazer pesquisa em Educação, são tomadas criativamente para ilustrar os desafios aqui identificados.

No capítulo, *A Epistemologia Qualitativa na pesquisa em saúde: suas implicações e desafios* de Valeria D. Mori, a autora faz uma breve reflexão sobre a pesquisa em saúde e enfatiza a pouca preocupação epistemológica que se evidencia nos debates metodológicos. E assim como outros autores do livro apresenta casos de análise de informação apondo suas contradições e contribuições. Inicialmente, a autora destaca a relação da teoria e o momento empírico no processo de produção de informação da pesquisa. Ressaltando a importância do posicionamento do pesquisador no percurso da pesquisa. Seu foco de análise se assenta na forma como a construção e a interpretação se organizam na produção dos pesquisadores e as dificuldades que muitas vezes se apresentam na concretização desse pressuposto. Do mesmo modo, discute como o uso dos indicadores se insere nas construções apresentadas, algumas vezes numa perspectiva descritiva e em outras destacando a habilidade do pesquisador.

Vannuzia Leal Andrade Pires no seu capítulo *Metodologia qualitativa e criatividade no estudo da subjetividade na família* traz uma interessante análise da metodologia qualitativa e da necessária criatividade do pesquisador, já destacada em capítulo anterior, no processo de estudo da subjetividade no âmbito familiar. A autora situa o foco de suas reflexões na criatividade do pesquisador na construção do espaço social da pesquisa, que para ela inclui a hipótese deste sobre os modos de vida da família e sobre as múltiplas representações da sociedade sobre ela. A partir desses eixos, torna-se possível penetrar suas produções subjetivas, de modo a se pensarem diferentes alternativas de intervenção e pesquisa. A partir de estudos com famílias de “crianças de rua” e com famílias em situação de violência, apresenta diferentes formas de o pesquisador interagir com os participantes no cenário social da pesquisa e de acessar suas produções subjetivas em um processo construtivo interpretativo que demanda criatividade. Também destaca que a utilização da metodologia qualitativa com base na Epistemologia Qualitativa constitui-se como um espaço aberto que possibilita às famílias gerarem novas formas de enfrentamento das contradições e conflitos de suas vidas concretas, especialmente a partir da consciência de que elas podem assumir a condição de sujeito de seus processos de desenvolvimento.

Alexandra Anache e Heriel Luz, no seu capítulo *O lugar da subjetividade no processo de avaliação diagnóstica do indivíduo com deficiência intelectual: desafios metodológicos e epistemológicos*, abordam a discussão epistemológica e metodológica do estudo da subjetividade a partir de um tema de particular relevância nos campos da educação e da saúde: o processo de avaliação e diagnóstico. Focando especificamente a avaliação e o diagnóstico da deficiência mental, tema desafiador nas condições atuais da implementação de políticas de educação inclusiva, os autores partem do pressuposto de que na condição da deficiência existe uma complexa teia de elementos que a configuram como singular, destacando entre eles sua dimensão subjetiva. O objetivo central do capítulo é, então, o de uma análise crítica dos aspectos teóricos e metodológicos do método tradicional de avaliação e diagnóstico da deficiência pautado pela lógica universalizante e instrumental dominante e propor uma alternativa a partir da perspectiva histórico-cultural do desenvolvimento humano e especialmente da Teoria da Subjetividade. Tomando como base um inovador Projeto de Extensão com jovens com deficiência intelectual, os autores mostram o valor da consideração da subjetividade nas suas possibilidades de aprendizagem, de modo a fundamentar importantes princípios metodológicos que precisam ser levados em conta nos processos de avaliação e diagnóstico desses sujeitos.

Em uma perspectiva crítica, o capítulo de Omar Bravo *Perigosos ou vítimas: duas maneiras de anular a condição de sujeito na intervenção* complementa e ilustra um dos importantes aspectos que já tem sido considerado em capítulos anteriores: os processos de produção e interpretação das informações em uma lógica diferenciada de pesquisa qualitativa, neste caso com foco no resgate da condição de sujeito, tanto do pesquisador quanto dos participantes da pesquisa. Este ponto, que se constitui como um dos aspectos essenciais da concepção epistemológica em foco, é desenvolvido pelo autor com base em duas pesquisas realizadas com população carcerária da cidade da Cali, Colômbia, e com familiares de vítimas de sequestros ocorridos no mesmo país. Também destaca, num movimento interessante de inquietação teórica, como a condição de sujeito do pesquisador, com sua história, representações e limites não constitui um obstáculo para pesquisa, mas um aspecto necessário e iniludível da mesma.

Já o capítulo de Maurício Neubern, *Subjetividade e Espiritualidade em sociedades de universos múltiplos: problemas de pesquisa clínica*

e qualitativa, traz uma interessante reflexão a respeito da pertinência da noção de subjetividade para o estudo das experiências espirituais. Partindo de sua experiência clínica e de pesquisa com pessoas vivendo com dores crônicas, o autor destaca a importância da noção de subjetividade, como fenômeno histórico e cultural, para a compreensão da espiritualidade em sociedades de universos múltiplos, isto é, sociedades como a brasileira, cujos sujeitos pensam e agem em suas vidas cotidianas, sem tomar a ciência moderna como referencial hegemônico ou exclusivo, mas de acordo com diferentes saberes (inclusive espirituais). Num primeiro momento, o autor destaca a relevância de conceitos fundamentais da Epistemologia Qualitativa – como configuração e produção de sentidos subjetivos – para que a pesquisa possa considerar o cenário de produção subjetiva particular dos sujeitos e grupos, sem lhes impor a perspectiva científica como superior ou mais válida. Em seguida, há também o foco nos problemas de legitimidade de pesquisa e uma discussão com referenciais etnopsiquiátricos que concebem como os diferentes saberes podem participar na construção da pesquisa desenvolvida pelo psicólogo.

Para finalizar apresenta-se o capítulo *Epistemologia e Método das pesquisas em Psicologia: uma questão política* no qual as autoras Wanda Maria Junqueira de Aguiar, Ana Mercês Bahia Bock e Maria da Graça Marchina Gonçalves discutem a questão epistemológica e metodológica como um desafio na produção de conhecimento a ser enfrentado também como uma questão política. As autoras acertadamente defendem que a relação ciência sociedade torna-se um ponto de reflexão imprescindível para os pesquisadores que desejam contribuir significativamente com sua produção para a construção de condições dignas de vida em nossa sociedade. No capítulo são apresentadas duas pesquisas que permitem a discussão da dimensão política da produção do conhecimento científico. Ambas as pesquisas possuem em comum o fato de trabalharem com metodologias e procedimentos que visam produzir conhecimento em um processo em que os sujeitos se envolvem no debate do tema de pesquisa, oportunizando-se uma reflexão sobre aspectos de suas vidas cotidianas com implicações para a produção de novos sentidos subjetivos. Evidencia-se assim uma das formas em que o caráter dialógico e participativo da pesquisa impacta não apenas o processo de produção de conhecimento, mas também o desenvolvimento dos próprios participantes.

Uma leitura criteriosa de cada um dos capítulos permitirá ao leitor perceber que, ao longo dos mesmos, alguns temas-chaves são recorrentes.

tes mostrando a coerência e o fio condutor da obra: aspectos diferenciais da Epistemologia Qualitativa como uma nova forma da produção de conhecimento sobre a subjetividade humana (especialmente o caráter construtivo interpretativo do conhecimento e seu processo de produção como um processo dialógico); os diversos desafios que a abertura e a complexidade da pesquisa qualitativa como aqui apresentada trazem para os pesquisadores e para seus processos de formação; o caráter ativo do pesquisador na condição de sujeito de sua ação; a criatividade necessária tanto para o delineamento das pesquisas como para o processo construtivo-interpretativo das informações; e o reconhecimento da singularidade dos sujeitos, assim como sua necessária implicação no processo de pesquisa. Estes temas também estão presentes, com suas especificidades, nas diferentes situações de trabalho profissional apresentadas, evidenciando o valor das discussões epistemológicas e metodológicas, tanto para a pesquisa quanto para a prática profissional.

O livro é, antes de tudo, um convite à reflexão, ao diálogo franco e principalmente à análise crítica e criativa da forma de produção de conhecimento e de trabalho com a subjetividade humana. Ao decidirmos compartilhar nossas reflexões, não o fazemos com a intenção de simplesmente defender uma escola ou apresentarmos mais uma tendência dogmática em Psicologia que proponha uma nova hegemonia de pensamento, com categorias reificadas e novos deuses teóricos a reivindicarem para si a exclusividade do saber. A intenção é a de ampliar o debate aberto sobre um tema que nos coloca desafios de diferentes naturezas e que possui importantes implicações para a qualidade da pesquisa e do trabalho profissional e humano em diferentes campos – como a Educação e a Saúde – que muito demandam, na atualidade de nosso Brasil, propostas de pensamento que permitam o diálogo com múltiplas articulações de seus processos subjetivos e culturais, como ainda o compromisso ético e político que também os perpassa. Compete aos leitores e colegas, portanto, a partir do pensamento crítico e criativo, buscando em si mesmos a condição de sujeitos, avaliar em que medida contribuimos para o debate e até que ponto nossa intenção está aqui devidamente cumprida.

Ideias e Modelos Teóricos na Pesquisa Construtivo-Interpretativa

Fernando Luís González Rey

Introdução

Passaram-se 16 anos desde a publicação simultânea de meu livro, *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad*, em Cuba e no Brasil. A escrita dele, por sua vez, respondeu às necessidades que o tema da subjetividade, no qual vinha avançando desde o começo da década de 1990, implicou para o processo de produção de conhecimento na pesquisa científica e na prática profissional da psicologia. Desde o seu surgimento, dessa forma, o número de trabalhos que partem da Epistemologia Qualitativa é crescente, porém, com frequência, seu uso apresenta sérias distorções dos princípios fundadores desta perspectiva.

De forma muito aguda, entretanto, no presente livro, A. Mitjans discute algumas das razões dessa distorção e, dentre elas, coloca muito bem o desconhecimento da própria teoria a partir da qual se fez necessário avançar na proposta da Epistemologia Qualitativa. Na psicologia, o culto ao empírico e à simplificação do teórico tem chegado ao extremo de colocar esses dois momentos inseparáveis da pesquisa como externos um ao outro: o empírico, dessa forma, aparece como externo ao pesquisador e é concebido como primário para o saber produzido – o que implica na ideia de que os conceitos emergem como recurso de significação de

* | uma evidência dada no nível empírico. Desse ponto de vista, o teórico é mero reflexo disso, aparecendo através de conceitos descritivos e isolados, e prescindindo, paradoxalmente, da própria construção teórica.

A relação direta e linear entre evidências empíricas e conceitos, por sua vez, tem representado um elemento dominante na história do pensamento psicológico, notadamente no que concerne às questões metodológicas. Tal representação, entretanto, tem levado à fragmentação, tanto do problema a ser estudado, como dos conceitos que resultam do estudo. A expressão mais evidente dessa atomização, por sua vez, é o conceito amplamente difundido de variável, através do qual se definem tanto os acontecimentos do que nos rodeia, como os comportamentos ou outros efeitos dessas variáveis externas, com independência do tipo de conceito utilizado para se “camuflar” esse empirismo nu.

A relação mimética entre variáveis do ambiente e variáveis psicológicas, assim, tem levado a usar, como recurso de produção e legitimidade do saber, a significação estatística da correlação entre tais variáveis, o que representaria um processo puramente indutivo auxiliado pela estatística como recurso, ou a repetição de resultados semelhantes frente a situações experimentais, guiadas pelo mesmo mecanismo da indução.

Por trás dessa relação imediata e direta que se estabelece entre as variáveis, ocultam-se os princípios teóricos dessa epistemologia empírica, dentre os quais gostaria de destacar dois: o determinismo direto e imediato do externo sobre o psíquico, como garantia do caráter objetivo da psique – “fantasma” epistemológico que ainda ronda com muita força a psicologia – e a primazia linear que os dados pretensamente têm sobre os conceitos, o que eliminaria a ideia da construção teórica como processo da pesquisa. A eliminação da significação do teórico, dessa forma, é completamente condizente com a neutralidade que essa epistemologia empírica atribui ao pesquisador.

Neste capítulo, pretende-se articular as noções de produção de ideias e de modelo teórico com os demais atributos da Epistemologia Qualitativa. Também, será enfatizada a necessidade de tal articulação frente às demandas de um sistema teórico no qual processo e configuração acontecem de forma simultânea, tendo o desenvolvimento de hipóteses como uma ferramenta central para a construção do modelo teórico.

* | O modelo teórico, ainda, é uma opção importante para representarmos, sempre de forma parcial e inacabada, a configuração subjetiva, por meio da processualidade dos diversos sentidos subjetivos que se

articulam nela. Ou seja, trata-se de um esforço teórico por significar as configurações subjetivas, sem se pretender que a produção teórica esgote a complexidade dessas configurações estudadas. (✱)

Nessa perspectiva, os conceitos não são entidades estáticas para assimilar e deixar claro o problema estudado; mas sim recursos para a produção de múltiplos significados que, em seu conjunto, devem expressar a inteligibilidade que esse conceito abre frente ao problema que se pretende conhecer. Assim, os conceitos são recursos intelectuais para se acompanhar o curso da produção do conhecimento em qualquer esfera da vida. É nesse processo que um velho conceito abre caminho para um novo que emerge a partir dos limites do valor heurístico do anterior, num processo em que emergem os significados teóricos produzidos pelo pesquisador sobre o problema estudado. (✱) *conceitos*

Algo sobre o qual também tentaremos nos aprofundar no presente artigo, é a existência de crenças e representações sobre os temas estudados que operam, como sentidos subjetivos, desdobrando-se de múltiplas formas nas produções teóricas sobre o assunto estudado, fazendo da construção do saber um processo “vivo” e em movimento que é, em última instância, inseparável da subjetividade do pesquisador. Trata-se da assunção da premissa de que toda atividade intelectual fecunda é uma produção subjetiva que não se restringe à cognição. (✱)

A produção de conhecimento, por sua vez, é um processo permanente de nossa subjetividade que, de forma contínua, provoca-nos, evocando reflexões e dúvidas constantes, posto que é expressão da configuração subjetiva de nosso cotidiano, cujos desdobramentos caracterizam as permanentes construções intelectuais que geramos sobre esse saber. De fato, o desenvolvimento de um caminho teórico abre um processo mais abrangente de produções subjetivas que representam uma verdadeira filosofia de vida. Dentre as atividades que ganham vida no processo de crescimento pessoal, quando estamos imersos num caminho de produção de saber, está a forma com que as diversas leituras realizadas convergem no desenvolvimento de novas ideias que passam, por sua vez, a alimentar o caminho de nossa construção teórica na ciência. (✱)

Algumas das coisas sobre as quais discorro, atualmente, em minhas palestras, – ou nas reuniões do meu próprio grupo de pesquisa –, são recebidas pelos ouvintes, muitas vezes, como se fossem novidades e, pelos efeitos de minha própria memória, nesses momentos, não consigo me situar na fonte histórica de tais afirmações. Entretanto, na releitura

do mesmo livro, lançado há 16 anos, no qual inicio o movimento de muitas das ideias e problemas que serão desenvolvidas neste capítulo, curiosamente, descobri que muitas dessas reflexões já estão presentes no original, *Epistemologia Cualitativa y Subjetividad*. Nesse sentido, a intenção deste capítulo é a de realizar uma espécie de “incursão arqueológica” sobre conceitos e definições da Epistemologia Qualitativa que permaneceram sepultados sob os aspetos mais declarados, muito embora formalmente repetidos por diversos estudos nos últimos anos.

O que é fazer teoria?

Algumas das deformações mais recorrentes na representação sobre o que é a teoria são: usá-la como sinônimo de verdade; colocá-la como externa ao objeto estudado e *a priori* em relação ao empírico; usar os conceitos teóricos para significar toda a novidade que aparece no momento empírico e; pretender construir todas as opções de nossa pesquisa através da enunciação dos termos originais da teoria, sem sermos capazes de produzir novos significados sobre esses conceitos e representações mais gerais.

A partir de nossa perspectiva, as teorias são concebidas como sistemas de conceitos, representações e caminhos, que, articulados entre si, representam vias de inteligibilidade sobre a questão central que constitui seu foco. Nesse sentido, são consideradas sistemas vivos que precisam ser usados para além das definições das categorias que nos apresentam; elas crescem pelos aportes convergentes com elas e que estendem seu valor heurístico para novas áreas e problemas do saber. Como falamos antes, um conceito é um recurso de produção de novos saberes, para o qual a própria categoria é a base de novos significados que a enriquecem e estendem o seu campo de inteligibilidade.

Bollas (2007) nos lembra uma interessante citação do filósofo britânico S. Blackburn: Um sistema de pensamento é algo em que nós vivemos dentro (p. 77, tradução nossa).

Essa acepção das teorias como “algo no qual vivemos dentro” é uma visão de que compartilhamos e uma definição que vai ao encontro do conceito de paradigma de T. Kuhn: de que o paradigma seria uma forma de organizar nossa percepção, ação, reflexão e projeção sobre uma realidade.

deformação
uso da
teoria

aprox de
teoria

Nesse sentido, as teorias são recursos subjetivos usados para produzir inteligibilidade sobre o mundo e, precisamente por esse caráter subjetivo, elas configuram o nosso mundo, não representando algo externo a ser usado de forma pontual e apenas em certas ocasiões. É por isso que as categorias não são entidades isoladas: um pesquisador, por exemplo, não pode usar as categorias como elementos isolados de significação, mas enquanto momentos de representações que tomam vida dentro dessa rede de conceitos.

⊕ Teoria

Seguindo essa lógica, temos que superar a ideia de que muitos pesquisadores, sobretudo jovens, acreditam que o principal achado de uma pesquisa é a definição de uma nova categoria pontual. O principal achado de uma pesquisa, por sua vez, seria desenvolver uma trama nova de significados, gerar novas zonas de sentidos em espaços inéditos para uma teoria e saber organizar a emergência da teoria nos termos que a nova situação exige.

Nesta proposta epistemológica e na proposição metodológica que se deriva dela, o fazer teoria é o objetivo geral da produção de saber. Fazer teoria, no entanto, diferencia-se de “aplicar” teorias – termo que apenas tem sentido numa ciência que se auto define como empírica. As teorias em nossa proposta nunca podem ser aplicadas, pois as categorias de uma teoria tomam novas formas e geram significados específicos frente às demandas novas que toda pesquisa implica. Nesse sentido, o “uso das teorias” sempre implica em “fazer teoria”, representando um processo ativo do pesquisador, que pressupõe, permanentemente, a sua condição de autor. O modelo teórico é, precisamente, a construção teórica que norteia uma pesquisa e que, através das hipóteses complementares que vão ganhando forma em seu percurso, termina sendo o resultado principal da pesquisa, através do qual um conjunto de problemas sobre a questão estudada ganha significado.

⊕ “Fazer Teoria”

⊕ Modelos Teóricos

Os modelos teóricos, por sua vez, representam ideias e construções em processo que não se reduzem apenas ao momento em que formalmente estamos vivendo o “espaço de pesquisa” com os participantes. Quando falamos da configuração subjetiva do processo de conhecimento, isso implique as condições concretas de nossa vida e a construção teórica são inseparáveis, de modo que muitas das ideias que se geram em situações informais da vida têm continuidade no processo de pesquisa. À medida que essas reflexões teóricas emergem durante a pesquisa, acabam por se desenvolverem e crescerem a partir de outros momentos informais

de nossa vida, como uma leitura, um relacionamento, um evento de nossa vida profissional ou política etc.

O conceito de configuração subjetiva, no entanto, não permite espaços estanques na experiência humana. Quando um ato de vida encontra-se subjetivamente configurado, isso significa ser ele uma produção que nos implica em nossa diversidade, não só de forma parcial.

O enriquecimento do nosso modelo teórico em todos os momentos da vida e, ao mesmo tempo, o enriquecimento de nossa vida através do modelo teórico, aparece muito bem na seguinte reflexão de P. Bourdieu (2008):

Pessoas que poderiam parecer a todos terrivelmente pouco interessantes, numa festa, por exemplo, onde as convenções burguesas impedem falar de coisas "sérias", quer dizer, de si mesmo, da profissão, etc., tornam-se fascinantes apenas quando começam a falar o que elas fazem no seu trabalho. Obviamente não estou fazendo o tempo todo sociologia na minha vida cotidiana, mas sem querer a tomo como "instantes" sociais que revelo e uso depois. Acho que parte disso é o que se denomina "intuição" e que o que está por trás de muitas hipóteses de pesquisa ou análise origina-se nesses instantes (p. 254-255, tradução nossa).

A crítica à neutralidade, que a Epistemologia Qualitativa partilha com outras definições epistemológicas, não se reduz a reconhecer o lugar ativo do pesquisador na construção do material de sua pesquisa, implicando também em reconhecer como a vida do pesquisador, suas reflexões e experiências são inseparáveis do processo de construção do conhecimento. É por essa razão que nossa proposta metodológica construtivo-interpretativa reconhece o instrumento apenas como um indutor de informação, um recurso relacional que facilita a expressão do outro, ultrapassando a reificação do dado de pesquisa enquanto elemento dissociado da experiência do pesquisador. Essa definição, no entanto, não reconhece o valor que a informação tem para a pesquisa pelo sua origem instrumental, mas pela sua viabilidade e congruência com o modelo teórico em desenvolvimento, o que implica em deixar para trás a visão indutiva da generalização, para se passar a considerar a generalização como a capacidade que um modelo teórico tem de produzir novos significados e articular diferentes relações entre eles no processo da pesquisa. Tais significados e relações, por sua vez, terão um valor para significar

Config.
subj.

(*)

ativo do
pesquisador e
instrumentos (*)

valorização
teórica (*)

novos eventos e situações que, antes desta construção, resultavam ininteligíveis. Essa é a generalização teórica.

As ideias e os conceitos nunca são uma expressão imediata dos fatos; eles sempre representam uma produção sobre os fatos. Partindo dessa premissa epistemológica, nunca um sistema de informação pode ter um significado em si mesmo. É por essa razão que os instrumentos psicológicos não podem ser fonte de conclusões, mas apenas de conjeturas para a produção de novos significados produzidos pelo pesquisador.

As epistemologias fundadoras do período moderno da ciência, a saber, o racionalismo, o empirismo e, finalmente, o positivismo no século XIX, sempre buscaram a correspondência com a realidade através dos seus significados, o que, em Descartes, expressou-se na ideia de que a realidade organiza-se em termos racionais. O positivismo, no entanto, sendo mais cuidadoso, estabeleceu os limites da ciência no conhecimento do fenômeno, o que definiu a forma com que a realidade nos aparece no plano empírico imediato.

Nessa busca, o positivismo separou-se de toda essência não tangível associada ao fenômeno, o que o levou à imposição do empirismo enquanto padrão definidor de ciência. Entretanto, o desenvolvimento da própria ciência no campo físico se encarregou muito cedo, no começo do século XX, de se transformar num desafio a essa representação de ciência.

Desse desafio, emergiram duas filosofias da ciência: a *filosofia da ciência anglo-saxônica* (Popper, Kuhn, Lakatos, Feyerabend, Polanyi, entre outros) e a *epistemologia histórica francesa* (Bachelard, Cavailles e Canguilhem, entre outros). Ambas tiveram como saldo a crítica ao positivismo.

No entanto, foi na filosofia que a ênfase no caráter simbólico das produções humanas teve implicações para uma ruptura definitiva com o modelo “sujeito-objeto” hegemônico no positivismo. Cassirer (1953), de forma magistral, coloca:

Ao invés de medir os conteúdos, significados e a veracidade das formas intelectuais por algo supostamente externo ser reproduzido nelas. Ao invés de tomar essas formas intelectuais como meras cópias de algo diferente, nós precisamos encontrar em cada uma dessas formas espirituais uma lei espontânea de geração; uma via original e uma tendência de expressão que é mais que um simples registro de algo inicialmente dado em categorias

⑦ Epistemologia moderna

fixas da existência real. Sob esse ponto de vista, os mitos, a arte, a linguagem e a ciência aparecem como símbolos; não no sentido de meras figuras que se referem a uma realidade dada por meio de sugestões ou versões alegóricas, senão no sentido de forças que geram um mundo próprio (p. 8, tradução nossa).

A citação anterior do filósofo é totalmente consequente com a representação de que as teorias, assim como as obras de arte, representam criações de mundos que tomam forma em seus próprios termos. No caso das teorias, à diferença da arte, existe um momento empírico sobre o qual as construções e conceitos da teoria devem produzir significados que irão ou não funcionar para o desenvolvimento de novos caminhos de inteligibilidade sobre essa representação, teoricamente criada, que aparece intitulada como o problema de estudo. Todavia, devemos lembrar que tal representação se apoia em registros empíricos que estão além do próprio discurso dentro do qual foi produzida, gerando um novo sistema de práticas, percepções e crenças que, como coloca Cassirer (1953), fundam um novo mundo, só que esse mundo é aberto a novos e inesperados registros da experiência científica. Trata-se de um mundo humano e cultural, passível de se constituir em “realidade naturalizada” só como produção subjetiva, histórica e social de uma geração.

O destaque de Cassirer (1953), ao considerar a ciência como um sistema simbólico gerador, semelhante às outras formas de criação cultural do homem, permite-nos enfatizar algo totalmente condizente com a representação geral de subjetividade dentro da qual a Epistemologia Qualitativa foi gerada: as teorias são produções subjetivas e, como tais, aparecem subjetivamente configuradas na ação de seus protagonistas como produções simbólico-emocionais. Esse caráter humano, subjetivo e sempre em mudança do pensamento científico, também se expressou na ciência mais avançada do século XX: a *física*. No entanto, a quebra da objetividade da física enquanto saber que permitia o acesso ao mundo e era regulada pelo mundo físico como realidade externa à teoria foi totalmente subvertida pela mecânica quântica.

Porém, os contemporâneos, e com maior motivo a geração de físicos posterior a Einstein, entenderam uma lição muito diferente no sucesso da relatividade. Para eles, a relatividade ensinava que é impossível descrever a natureza desde o exterior: a física é feita pelo homem para o homem (Prigogyne, 2004, p. 140, tradução nossa).

A inteligibilidade das teorias nunca está dada pela sua correspondência com uma realidade natural; os conceitos usados pela psicologia na procura dessa correspondência saber-realidade aparecem, sobretudo, em modelos instrumentais-descritivos que operam com variáveis – conceito que, mais do que corresponder à ordem do mundo, como se tem buscado legitimar na pesquisa empírica da psicologia, representa uma “ficção”, ou seja, apenas um significado sobre como as coisas nos são dadas, sendo que, neste, está a condição humana, com todas as suas limitações para apreender o mundo como realidade externa ao ato de conhecer. Em outras palavras, a representação do mundo que se deriva do conceito de variável é tão ficcional como o representado por qualquer teoria apoiada em modelos teóricos de inteligibilidade para ter acesso a processos que não são sensíveis à percepção.

O único recurso das teorias para avançar sobre o problema criado por elas no nível empírico são as *hipóteses*, não como artefato *a priori* que dirige a pesquisa, como acontece nas pesquisas que usam como legitimação a correlação estatística entre variáveis, mas como uma expressão do caráter ativo e constante do pesquisador na confrontação e no acompanhamento de suas construções, dentro do universo de informações levantadas sobre a questão estudada.

Ⓜ

Ⓜ hipóteses

Alguns antecedentes importantes da Epistemologia Qualitativa e da Metodologia construtivo-interpretativa

Uma das questões que sempre surge quando se discute o modelo construtivo-interpretativo de pesquisa baseado na Epistemologia Qualitativa, é como estudar as emoções por meio da fala e das expressões escritas pelas pessoas, dando a entender que as emoções teriam, assim, outras formas de expressão. Entretanto, esquece-se de que as emoções são centrais em nossa definição de subjetividade e que os conceitos de sentido subjetivo e configuração subjetiva representam uma unidade dos processos simbólicos com as emoções. As emoções humanas, por sua vez, têm múltiplas formas e níveis de expressão, porém, na subjetividade elas aparecem nas produções simbólicas pelas quais o ser humano torna-se cultural e através das quais a cultura está em permanente desenvolvimento.

Int. (*) Nos seres humanos, o pensamento e as reflexões implicadas permanentemente nele representam um processo configurado subjetivamente, uma motivação essencial da pessoa. Portanto, as produções reflexivas que se organizam na fala e na escrita têm um valor ímpar e privilegiado para o estudo dos sentidos subjetivos e suas configurações, que é a forma em que as emoções mais importantes da vida aparecem nos processos humanos.

Desde minhas pesquisas iniciais sobre a personalidade (González Rey, 1982, 1983), percebeu-se que o estudo dessa complexa formação psicológica, que é a motivação humana, através de instrumentos centrados nas respostas oferecidas, deixava de lado o estudo das expressões mais ativas e implicadas das pessoas nas quais a motivação aparece. Assim, no estudo dos ideais morais de adolescentes e jovens cubanos (González Rey, 1982), num momento em que o tema da moralidade ganhava forte conotação social e política pelas mudanças radicais que a Revolução Cubana implicou, entre as quais apareciam, na ordem subjetiva, a prioridade do moral sobre as motivações de consumo e da propriedade, o tema ganhou uma força que levou ao desenvolvimento de pesquisas centradas na lógica pergunta-resposta, cujo principal instrumento foram as enquetes. Na lógica indutiva pela qual tomavam significado as perguntas das enquetes, as respostas positivas sobre valores e figuras da Revolução eram tomadas como um elemento contundente do sólido desenvolvimento moral da juventude cubana.

No entanto, foi precisamente o debate iniciado sobre essa forma de se estudar a motivação moral que me levou a pensar formas alternativas de avaliação do desenvolvimento moral e, também, conceitos teóricos que me permitiram transcender a definição da moralidade como expressão de comportamentos, traços ou valores específicos, para se compreender a moral enquanto expressão integral da pessoa.

Foi nesse processo que o estudo da personalidade transformou-se em meu foco de investigação. Portanto, nessas primeiras pesquisas orientadas ao estudo do desenvolvimento moral de adolescentes e jovens, dei meus primeiros passos na pesquisa qualitativa, que, na época, não tinha antecedentes em Cuba, existindo muito pouca literatura sobre pesquisa qualitativa em psicologia de forma geral. Vale lembrar que os primeiros textos em ciências sociais que orientaram ao tema na América Latina foram de Bogdan e Byklen (1982), Lincoln e Guba (1985), entre outros. Todavia, esses foram estudos que entraram de forma muito tímida na América Latina na segunda metade dos anos 80. Dessa forma, é impor-

tante, aqui, recordar que nenhum desses autores vinha, especificamente, da psicologia.

Na procura por conceitos que permitissem transcender as respostas como principal recurso da construção da informação, foi elaborado na época, um conceito que estava centrado precisamente na qualidade da elaboração do que a pessoa expressava, por meio do qual procurava a relevância emocional do que era expresso pelo participante da pesquisa. Tal conceito foi definido como elaboração pessoal.

Tal definição, por sua vez, emergiu de forma articulada ao uso de instrumentos de expressão livre e aberta na pesquisa, em que os trechos de informação construída passaram a ser a unidade essencial do trabalho de interpretação. Sobre a relevância da elaboração pessoal, no entanto, escrevi na época:

O nível de elaboração pessoal compromete o desenvolvimento das outras duas categorias (conhecimento e vínculo afetivo pelo conteúdo), dando lugar a complexas formações motivacionais; porém nenhuma das outras duas categorias implica necessariamente a elaboração pessoal. O conhecimento só tem função reguladora quando o seu conteúdo está comprometido com a elaboração pessoal do sujeito dentro de uma formação motivacional (González Rey, 1982, p. 18).

Ao estudar um material produzido na pesquisa através dos instrumentos abertos, fazia-o através de três conceitos: do conteúdo, do vínculo emocional expresso nesse conteúdo e da elaboração pessoal, sendo este último a expressão do maior nível de envolvimento motivacional do sujeito com o conteúdo em questão. É interessante ver que, apesar do tempo transcorrido, muitas das ideias que, hoje, aparecem através de outros conceitos já tinham me marcado fortemente naquela época.

Como se pode notar na citação anterior, a produção intelectual, também, começava a ser definida como criação subjetiva e o saber, por sua vez, a ser considerado como um indicador de motivação e compromisso com a área da vida em que esse saber emergia através da elaboração pessoal da pessoa. Ou seja, as atividades de reflexão, elaboração e construção intelectual passavam a ser consideradas como expressões de motivação pela sua qualidade, não pelo seu conteúdo explícito. E, mesmo que ainda fossem os primórdios da Epistemologia Qualitativa, já se observava o compromisso de autoria do pesquisador como critério para se definir a qualidade da informação produzida.

Essa abertura metodológica, por sua vez, apoiou-se em grandes psicólogos que, durante 1960, posicionaram-se frente às demandas metodológicas do estudo da personalidade. Dentre eles, os que mais me influenciaram foram G. Allport, Bozhovich, Miasichev e Lewin, os quais já desafiavam a “metodolatria”¹ da psicologia na forma em que ela se mostrava no estudo da personalidade.

G. Allport (1967), com a agudeza que lhe caracterizava, por sua vez, expressou: Tão complexa é a personalidade que se faz necessário usar em seu estudo todos os métodos legítimos (p. 465). Enquanto G. Allport alertava sobre a necessidade de se empregarem os mais variados instrumentos para se abordar a complexidade da personalidade, do qual ele foi um bom exemplo, Miasichev, importante psicólogo russo da Escola de Leningrado, colocava o seu ênfase em algo que considere essencial desde minhas primeiras pesquisas: A personalidade se expressa de forma mais complexa naquilo que é importante e significativo para ela, em relação ao qual se esforça de forma mais estável e profunda (Miasichev, 1960, p. 61).

À medida que a personalidade deixou de ser compreendida como um conjunto de elementos ou estruturas estáticas e invariáveis – o que caracterizou os estudos da personalidade – a necessidade de se criar instrumentos que permitissem a expressão aberta e reflexiva da pessoa para estudar seus processos psicológicos começou a ser considerada com muita força. Essa tendência implicava a liberdade e a espontaneidade da pessoa de se expressar nos instrumentos, o que seria essencial, precisamente, por implicar o outro em temas reflexivos e polêmicos que permitissem a emergência da personalidade em suas construções. Ambas as exigências, por sua vez, tomaram forma definitiva e explícita na proposta da Epistemologia Qualitativa (González Rey, 1997).

Essa definição metodológica, entretanto, desenvolvida nos meus primeiros trabalhos, foi acompanhada de novas construções teóricas sobre a personalidade, que incluíam o conceito de sentido como elemento diferenciado em relação ao significado. Ainda que, nem no meu trabalho, nem no trabalho dos psicólogos soviéticos da época, a categoria “sentido” aparecesse bem definida neste momento histórico. Ela aparecia, por outro lado, fora de uma elaboração teórica mais abrangente das teorias que se dispunham a estudar a personalidade.

1. Termo introduzido por K. Danzinger (1990) para caracterizar a hegemonia do método sobre a teoria na psicologia.

Como é possível observar, então, naquele momento, quando o tema da subjetividade não tinha aparecido como necessidade heurística para o estudo da condição cultural do homem, a personalidade representou o conceito essencial para dar conta do aspecto subjetivo do ser humano.

Depois da publicação do livro *Atividade, consciência, personalidade* (1975), no qual Leontiev introduz reflexões que apontavam para a riqueza interna da esfera motivacional da pessoa, destacando que os processos interiorizados ganhavam vida e se desdobravam de diferentes formas em sua organização psicológica, algo jamais reconhecido por ele antes (González Rey, 2011). Um grupo de seguidores jovens da Teoria da Atividade, por sua vez, avançou em colocações teóricas mais audaciosas para o estudo da personalidade, o que, de fato, teria implicado uma redefinição de conceitos anteriores da própria teoria. Dentre esses seguidores, encontrava-se Bratus, com quem partilhava tanto uma amizade, como uma visão crítica acerca do tema da motivação na psicologia soviética.

Desse modo, mediante nossa parceria, escrevemos um artigo conjunto² sobre dois conceitos que expressavam pontos de contato: as *formações de sentido* (Bratus, Asmolov e outros) e o conceito, elaborado por mim, *tendência orientadora da personalidade* (1982, 1985, 1989). Ambas as categorias, por sua vez, procuravam a integração das diversas experiências vividas socialmente pelo homem em sua personalidade, o que marcava uma diferença radical com a forma com que a personalidade era tratada enquanto invariante estrutural e determinista do comportamento humano.

Nesse trabalho conjunto, sendo assim, deixamos clara a necessidade de extrapolar a utilização do conceito de sentido dos limites estreitos da atividade individual, como presente na obra de Leontiev. Entretanto, ainda neste momento, não havia me deparado com a relevância da definição de Vygotsky sobre o “sentido”, também completamente ignorada pela psicologia soviética da época.

Evidentemente precisa-se separar o conceito de sentido dos limites de uma atividade isolada e transformá-lo em uma categoria mais universal e generalizada, que inclua em si tanto os casos do sentido pessoal, como o define Leontiev, como outras relações mais complexas do sentido (Bratus; González Rey, 1982, p. 56, tradução nossa).

2. *La tendencia orientadora de la Personalidad y las Formaciones del sentido* (Bratus; González Rey, 1982).

O avanço em conceitos capazes de integrar, em um plano psicológico, a diversidade da vida social da pessoa de uma forma dinâmica, que permitisse compreender a personalidade na ação e não como uma entidade determinista *a priori* do comportamento, estava tomando forma em um conjunto de aproximações do enfoque cultural-histórico na década de 1980, quando a personalidade emergiu como foco relevante de estudo. Esse esforço teórico, no entanto, estava estreitamente relacionado com a inovação metodológica, porém, uma reflexão epistemológica aprofundada sobre o novo quadro da psicologia cultural-histórica ainda não tinha acontecido.

Acredito que a publicação do livro *Epistemologia qualitativa e subjetividade* veio a cobrir esse vazio e, ao mesmo tempo, representar um momento de transição do tema da personalidade – que seguia sendo um tema centrado na pessoa –, para o tema da subjetividade, que representava um novo sistema teórico orientado não apenas a um novo conceito, mas à modificação radical de muitas definições dominantes na psicologia tradicional, dentre elas, diversas definições da própria psicologia cultural-histórica. Essa mudança não podia ser feita timidamente, no entanto, pois implicava uma reforma contundente e estreitamente inter-relacionada entre o teórico, o epistemológico e o metodológico.

A emergência dos conceitos de subjetividade social, subjetividade individual, sentido subjetivo, configuração subjetiva e sujeito, no entanto, de forma estreitamente relacionada entre si, representou o nascimento de um sistema teórico recursivo e orientado a superar a taxonomia de elementos isolados em definições estanques, o que caracteriza, tão profundamente, a psicologia.

As definições desses conceitos têm, também, um valor epistemológico, pois eles não são entidades *a priori* do processo de construção do conhecimento e sobre eles não se pode afirmar nada através de eventos ou expressões isoladas de grupos, instituições ou pessoas. Nesse sentido, os conceitos teóricos da proposta sobre a subjetividade não são, como muitos dos conceitos associados a diversas teorias psicológicas, definições apriorísticas sobre as quais se sustentam atos interpretativos universais. As interpretações, assim como as mais diversas construções humanas, por sua vez, sempre representam processos que têm uma dimensão histórica, sendo este princípio outro aspecto diferencial da proposta construtivo-interpretativa de pesquisa apoiada na Epistemologia Qualitativa.

ênfase da
coisa da
subjetiv.

em teóricos-
epistemológico
(*)

Muitos dos problemas que observamos em trabalhos que se declaram seguidores da Epistemologia Qualitativa provêm do fato de que eles mantêm, de forma não declarada, a lógica das pesquisas dominantes em psicologia, o que implicaria assumir, de forma direta, expressões de pessoas ou informações dos instrumentos para fazer afirmações teóricas pretensamente conclusivas. Acredita-se que tal forma de construir a pesquisa, mais do que uma característica isolada do pesquisador, ou de uma carência de domínio conceitual, expressaria uma subjetividade social intolerante à incerteza, ao processo, ao esforço pela busca e, sobretudo, ao desafio da criação.

⊗ Problema no uso da EQ

A urgência pelo resultado parece-me, ainda, estreitamente relacionada à psicologia do consumo e à ênfase nas aparências – aspectos tão marcantes na subjetividade social do mundo de hoje. Ao contrário, a pesquisa construtivo-interpretativa implicaria a ideia de que nos movimentemos o tempo todo dentro de um processo hipotético, cujos núcleos de significação emergem, ao longo do processo da pesquisa, em estreita relação entre si, de modo a se constituírem enquanto o tecido que define o modelo teórico da pesquisa

Idem

⊗

À diferença dos primeiros conceitos elaborados para se nortear o processo da construção da informação, – a saber, conteúdo, vínculo afetivo e elaboração pessoal, – os conceitos sobre os quais sustentamos o caráter construtivo-interpretativo de nossas pesquisas atuais não possuem o caráter apreciativo geral da qualidade das informações construídas. Isso não implicaria descartar, de nenhuma maneira, a importância desses primeiros conceitos para o avanço epistemológico de nossos estudos, mas coloca, atualmente, o nosso sistema conceitual num patamar capaz de acompanhar um processo construtivo-interpretativo de forma orgânica ao próprio curso da informação gerada no processo da pesquisa.

Indicadores, interpretação e construção: produções ativas do pesquisador no momento empírico

A ênfase e o lugar de destaque, que os conceitos vão ganhando com o avanço de uma proposta teórica, vão mudando em seu percurso, a partir dos desafios provenientes do exercício das pesquisas e das práticas profissionais que se apoiam nessa proposta teórica. Como tem-se falado

em trabalhos anteriores (González Rey, 1997, 2005, 2013), o fato de as teorias serem sistemas vivos, que se alimentam de novos significados gerados na pesquisa e na prática profissional, implica o enriquecimento das categorias essenciais da teoria, bem como a gênese de novas categorias enquanto expressão necessária do desenvolvimento desse sistema teórico.

Sobre a base do caráter construtivo-interpretativo que a Epistemologia Qualitativa confere ao conhecimento, no entanto, foi definido o conceito de indicador como um recurso de produção de inteligibilidade. O *conceito de indicador*, por sua vez, é uma expressão da relevância que se dá ao processo nesta forma de fazer pesquisa, assim como ao hipotético e à iniciativa do pesquisador. O indicador, nesse caso, seria sempre um momento num processo, jamais um conceito conclusivo sobre um caminho. Vale ressaltar que isso está definido em termos semelhantes desde a própria obra fundadora desta definição epistemológica:

⊗ O processo de configuração de indicadores é um processo de interpretação que se realiza apoiado por uma multiplicidade de informações obtidas por instrumentos diferentes e pela constante intervenção intelectual do pesquisador. O caráter de processo que usamos para designar esta forma de interpretação se apoia no fato de que ela sempre se realiza em relações de continuidade, onde um momento condiciona a entrada em outro, o que leva constantemente ao desenvolvimento de novas “zonas de sentido” sobre o objeto estudado (González Rey, 1997, p. 146).

⊗ Não existe nenhuma categoria nesta proposta sobre a subjetividade que possa ser definida por “atos de saber”; todas emergem apenas em processos progressivos e contraditórios de construção e interpretação. O indicador, sendo assim, é uma ideia que se torna orientadora para abrir uma possível hipótese no curso da pesquisa; pois o próprio indicador tem caráter hipotético, por isso, é sempre uma ideia do pesquisador, nunca um significado inerente ao fato, que pode explicitar o fato sobre o qual se originou.

⊗ Por exemplo, em uma pesquisa em andamento de uma aluna de estágio do UniCEUB, J. Cunha, é apresentado um trecho da expressão da pessoa que ela está estudando, uma mulher de 34 anos, casada, com filhos, e que passou por mastectomia em virtude de um câncer de mama: “Quem me dava mais suporte em termos emocionais, em se preocupar comigo, cuidar, saber se eu tava fazendo tudo direitinho era o V e a L, que são meu pai e minha mãe, né?”.

É interessante que, sendo uma mulher casada, ela se refira ao pai e a mãe como aqueles que deram a maior ajuda para ela no enfrentamento do tratamento do câncer de mama. Essa afirmação poderia ser definida como um indicador de que algo não funciona bem em sua relação marital. Para afirmar isso, podemos nos apoiar no fato de que, culturalmente, uma vez que temos o nosso núcleo adulto com a nossa parceira/parceiro e filhos, ele seria o lócus essencial de nosso funcionamento em diversas áreas da vida. Vale ressaltar que isso não representa, necessariamente, uma invariante para todos, haja vista não ser algo naturalmente instituído, dependendo das configurações subjetivas das pessoas em seus diferentes espaços íntimos. Outro aspecto que tem peso na suspeita, e leva ao indicador, é de que se trata de uma mulher madura, com bom tempo de casada e filhos de 8 e 10 anos.

Varias páginas depois, no mesmo relatório de pesquisa, aparece este outro trecho da segunda conversação com a pessoa: “É, meus amigos, ninguém prometeu que a vida seria fácil. Os sustos, os obstáculos, os problemas vão continuar aparecendo por aí. Não tem jeito. Mas são eles que vão nos fazer crescer, ficar mais fortes e valorizar tudo o que realmente importa”.

O trecho anterior é igualmente relevante, pois é outro indicador da mesma questão. Contudo, como se pode observar, se não existisse o indicador anteriormente construído, possivelmente, este segundo trecho passaria despercebido ao pesquisador. Nessa fala, é interessante a referência aos amigos sobre uma expressão tão relevante para si mesma como “são eles que vão nos fazer ficar fortes e valorizar todo o que realmente importa”. Ainda outro indicador que se integra a esses que foram definidos tem a ver com aquilo que não foi falado por ela: até este momento da conversa, no conjunto de suas expressões, não há menção alguma sobre o marido com essa mesma força emocional referida na expressão anterior.

Mais adiante, em relação a uma canção que a aluna empregou muito bem como instrumento, a participante fala:

“Depois tem uma hora que ele fala ‘*Sugar, don't you cry*’, aí fala pra enxugar as lágrimas dos olhos, sei lá, me emocionou também por causa do momento, de ser uma música que assim, é isso aí, bora lá! Uma coisa que ilumina mesmo, bola pra frente, vai pra frente! [...] E todas as vezes que eu escutava essa música depois, me vinha aquela coisa assim ‘Eu pude

estar viva pra ver isso de novo! Eu pude estar viva pra ver isso de novo do lado do meu filho!”.

Aqui aparece mais um indicador, que já permite configurar uma hipótese a ser acompanhada na pesquisa e que, possivelmente, deve implicar o uso intencional de novas ações metodológicas do pesquisador.

O uso da canção pode ser usado como facilitador de uma nova conversação que permita aprofundar nas expressões da pessoa em relação à canção. As canções sempre tem um valor simbólico em nossa vida, nos lembram momentos anteriores, ou momentos e eventos atuais carregados de sentido subjetivo, o que faz delas um excelente recurso para implicar os sentidos subjetivos da pessoa.

No caso da participante, a canção, sem dúvidas, movimentou suas emoções, mas essas emoções, que são tão íntimas, se associam com a figura do filho. O fato de essas emoções estarem associadas com o filho é importante, dado que as canções, em geral, evocam situações românticas, com grande frequência, associadas a relações amorosas. Porém, neste momento do curso da construção sobre o caso apresentado, este indicador é mais um elemento que fortalece os indicadores anteriores e que, por sua vez, também se fortalece deles. Nesse momento, o pesquisador já está em condições de se posicionar teoricamente em relação ao lugar que o seu relacionamento conjugal ocupa na configuração que está sendo desenvolvida no processo de construção da informação.

A explicitação dos indicadores em sua inter-relação é, nesse caso, um recurso essencial para manter a tensão entre as nossas ideias e o material da pesquisa. Não importa a nossa implicação subjetiva, a qual não é passível de ser eliminada nesse processo, porque o próprio referente teórico do trabalho é uma produção subjetiva; a inteligibilidade do saber é um processo humano, não algo que possa ser validado desde fora, como já dito anteriormente. O que é importante destacar, por sua vez, do ponto de vista metodológico, é a boa fundamentação da hipótese construída sobre o material disponível do pesquisador. Os indicadores não “validam” a construção teórica, mas são uma evidência de sua viabilidade dentro do sistema de apresentação disponível.

O exemplo apresentado, dessa forma, evidencia-nos a importância do uso de instrumentos diversos, capazes de serem articulados por vias diferentes com as experiências relevantes da pessoa. Um aspecto muito importante nesta perspectiva de pesquisa que precisa ser destaca-

Uso de
música (*)

Articulação da
informação (*)

do, e que, também, aparece em todas as minhas publicações anteriores sobre o tema (González Rey, 1997, 1999, 2005), é o caráter simultâneo e complementar do uso dos instrumentos e do processo interpretativo. Só nessa simultaneidade é possível, para o pesquisador, gerar um novo instrumento frente às necessidades que se derivem do processo de construção da informação.

A representação do pesquisador como “coletor de fatos” é algo que tem acompanhado, também, a forma de trabalho de alguns autores que afirmam estar trabalhando na perspectiva da Epistemologia Qualitativa, porém, nada mais longe de nossa proposta do que isso. O destaque da “coleta de dados” viria a trazer, para esta epistemologia, uma perspectiva passiva e centrada no conteúdo que nada tem a ver com esta proposta teórica, epistemológica e metodológica. Seria algo semelhante, no campo da pesquisa ao que Paulo Freire definiu como educação bancária no campo da educação.

O exemplo já discutido, no entanto, nos permite acompanhar como a definição dos indicadores não é um processo instrumental nem mecânico, mas sim reflexivo, criativo do pesquisador, que sempre relaciona os indicadores entre si e com o sistema geral de informação que possui. É por isso que a definição de indicadores é a chave para uma trama configuracional, em que diferentes momentos e expressões dentro do processo da pesquisa encontram sua convergência em uma construção defendida pelo pesquisador. Nesse processo, a inter-relação dos indicadores transforma-se na espinha dorsal do desenvolvimento do modelo teórico que será defendido como resultado da pesquisa.

A construção teórica, sendo assim, não é a síntese dos indicadores, o que representaria, a nível epistemológico, um remanescente de uma epistemologia representacional da qual nos afastamos; a construção teórica, dessa forma, tem vida própria e representa sempre um ato de criação sobre as hipóteses que vão sendo geradas no curso da pesquisa.

A relação entre a construção teórica e as hipóteses levantadas na pesquisa representa um processo construtivo-interpretativo, no qual um desses momentos se legitima no outro sem ser a sua causa, o que nos permite alcançar um critério de legitimidade localizado para além do conceito de demonstração que pretende legitimar o resultado pela evidência empírica. Esse seria um processo inerente da chamada “pesquisa empírica”, da qual este posicionamento epistemológico se distancia com plena intencionalidade teórica.

* Instrumento

* Problema do uso da EQ.

* Condição da informação

* Legitimidade da EQ

Algumas reflexões finais

similãr da EQ

⊛ A Epistemologia Qualitativa representa a produção do saber e, com ele, a pesquisa como processo e produções teóricas subjetivamente configuradas, tanto pelas teorias das quais fazem parte, como pelo próprio pesquisador. O intuito moderno de fazer da ciência um domínio humano dessubjetivado representou, em si mesmo, uma produção subjetiva que, ao não se reconhecer como tal, perdeu a oportunidade de desenvolver os recursos necessários para evitar que os efeitos desse caráter subjetivo afetassem menos o conhecimento de registros de esferas do mundo diferentes do tipo de discurso científico hegemônico. A ciência legitima-se como uma produção de inteligibilidade que pode dialogar o tempo todo com o processo metodológico através da produção teórica do pesquisador.

com...

⊛ A procura da legitimidade no instrumento e na verificação empírica, assim, rompeu o único mecanismo ativo que preserva a relação entre “saber-problema em desenvolvimento na pesquisa”, que são as próprias ideias e reflexões do pesquisador que vão se configurando no modelo teórico que se gera na pesquisa. Nesse modelo, o problema estudado aparece como um sistema de significados estreitamente relacionados entre si, a partir do qual novas crenças, práticas e representações surgem como formas de relação humana com esse tema. As teorias são processos de significação da realidade humana que só existem nos termos da teoria, não fora dela.

processo histórico da EQ

⊛ A Epistemologia Qualitativa, por sua vez, foi o resultado de um longo caminho de pesquisa assumida numa relação de continuidade e tensão progressiva entre certos problemas de pesquisa e a elaboração de modelos teóricos sobre os quais, em um determinado momento, foram desenvolvendo teorias mais abrangentes. Primeiramente, essa elaboração centrou-se no tema da personalidade e depois, e em decorrência dos desafios não apenas das pesquisas, mas também teóricos e filosóficos que nesse caminho se geraram, num segundo momento, o foco foi colocado na teoria da subjetividade em uma perspectiva cultural-histórica. Nesse caminho, também, a ideia do qualitativo foi se modificando: de um primeiro momento em que foi definido, por meio de categorias apreciativas sobre a qualidade do conteúdo estudado, as quais, de fato, já implicavam o posicionamento ativo do pesquisador, a um segundo momento, em que a lógica configuracional (González Rey, 1997) emergiu como processo construtivo-interpretativo.

Na metodologia construtivo-interpretativa, por outro lado, evitam-se apreciações gerais sobre os sistemas de informação analisados, dando-se prioridade ao trabalho com indicadores e construções teóricas que, relacionadas com as hipóteses que vão se abrindo no processo de construção da informação e com as ideias e reflexões que as articulam nesse processo, formam o modelo teórico sobre o problema estudado. A ideia de modelo teórico é uma forma de procurar congruência dentro da diversidade da informação que emerge na pesquisa. Essa congruência, que toma forma no modelo, gerando significados não evidentes nos fatos imediatos, representa uma produção intelectual complexa. Os conceitos da teoria da subjetividade, sobre os que se apoia esta metodologia, representam conceitos abertos a serem construídos pela pesquisa, nunca entidades *a priori* para significar “dados” externos.

Finalmente, gostaria de destacar que os processos de construção e produção de informação representam, neste marco epistemológico, um mesmo processo, no qual um orienta e complementa de forma permanente o outro, colocando à prova a capacidade ativa do pesquisador, no sentido de tomada de decisões durante o processo, definição de novos instrumentos em dependência das necessidades que vão emergindo na pesquisa etc. Os termos teóricos e filosóficos no curso da pesquisa, portanto, não podem ser usados como atos declarativos, mas devem ser evidenciados pela qualidade da construção do pesquisador.

⊗ Síntese
métodos
construtivo-
interpretativo

Referências

- ALLPORT, G. *La personalidad: su configuración y desarrollo*. Habana: Edición Revolucionaria, 1967.
- BOGDAN, R.; BIKLEN, S. *Qualitative research for education*. Boston: Allyn & Bacon, 1982.
- BOLLAS, C. *The Freudian moment*. London: Karnac Books, 2007.
- BORDIEU, P. *Capital cultural, escuela e espacio social*. Comp. e trad. Isabel Jiménez. Buenos Aires: Siglo XXI Editores Argentina, 2008.
- BRATUS, B.; GONZÁLEZ REY, F. Las formaciones del sentido y las tendencias orientadoras de la personalidad. In: GONZÁLEZ REY, F. *Algunas tendencias teóricas y metodológicas sobre el estudio de la personalidad*. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1982, p. 71-89.
- CASSIRER, E. *Language and Myth*. New York: Dover Publications Inc, 1953.
- DANZINGER, K. *Constructing the subject; historical origins of psychological research*. New York: Cambridge University Press, 1990.

GONZÁLEZ REY, F. *Motivación moral en adolescentes y jóvenes*. Habana: Editorial Científico – Técnica, 1982.

_____. *Motivación Profesional en adolescentes y jóvenes*. Habana: Editorial de Ciencias Sociales, 1983.

_____. *Psicología de la personalidad*. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1985.

_____. *Problemas epistemológicos de la psicología*. México: Colegio de Ciencias y Humanidades. Universidad Nacional Autónoma de México, 1993.

_____. *Comunicación, personalidad y desarrollo*. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1995.

_____. *Epistemología cualitativa y subjetividad*. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1997.

_____. *La investigación cualitativa en psicología: rumbos y desafíos*. São Paulo: EDUC, 1999.

_____. *Pesquisa qualitativa e subjetividade: os processos de construção da informação*. São Paulo: Cengage, 2005.

_____. *Subjetividade e saúde: superando a clínica da patologia*. São Paulo. Cortez, 2011.

_____. O que oculta o silêncio epistemológico da Psicologia? *Rev. Pesquisas e Práticas Psicossociais*, São João del Rey, v. 8, n. 1, p. 20-34, jan./jun. 2013.

_____.; MITJÁNS MARTÍNEZ, A. *La personalidad: su educación y desarrollo*. Habana: Editorial Pueblo y Educación, 1989.

LEONTIEV, A. N. *Actividad, conciencia y personalidad*. Moscou: Politizdat, 1975.

LINCON, Y.; GUBA, E. *Naturalistic inquiry*. California: Sage Publication, 1985.

MIASICHEV, V. *Personalidade e neurose (em russo)*. Leningrado: Universidade de Leningrado, 1960.

PRIGOGINE, I. *Tan solo una ilusión? Una exploración del caos al orden*. 5. ed. Trad. Francisco Martín. Barcelona: Tusquets Editores, 2004.